



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ODABIAS DOS PASSOS PINHEIRO

**A LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA LEITURA NO 2º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Abaetetuba, Pará

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ODABIAS DOS PASSOS PINHEIRO

**A LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA LEITURA NO 2º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia/PARFOR, sob a orientação da Professora: Helem Betel Negrão da Silva Alencar.

Abaetetuba, Pará

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ODABIAS DOS PASSOS PINHEIRO

**A LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA LEITURA NO 2º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia/PARFOR, sob a orientação da Professora: Helem Betel Negrão da Silva Alencar.

Apresentado em: ____/____/_____.

Conceito: _____.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Helem Betel Negrão da Silva Alencar
(Orientadora – UFPA)

Examinador (a)

Examinador (a)

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa destacando pontos relevantes sobre a utilização da ludicidade como ferramenta facilitadora no processo de leitura no ensino fundamental. As ideias aqui apresentadas baseiam-se em autores como Vigotsky (1987, 1998 e 2001), Piaget (1996 e 1997), Morais (2012), Freire (2007), Ferreiro (2004) e outros em que ressaltam a importância da ludicidade para formarmos alunos leitores. A pesquisa enfatiza sobre como é importante à utilização da ludicidade nas práticas de sala de aula. Trata de uma reflexão em autores sobre o processo de construção de conhecimento durante o período de formação e aprendizagem, bem como as transformações ocorridas na atualidade. O estudo permitiu entender como a reflexão deve estar na vida deste profissional. Desenvolvida através de leituras bibliográficas de caráter qualitativo e observações de campo contudo caminhando para uma melhor compreensão do fenômeno social na qual está inserido o ensino fundamental. Desta forma a pesquisa faz conceito de ludicidade bem como o resgate histórico das metodologias tradicionais às atuais no processo de ensino aprendizagem. Discute-se sobre o papel pedagógico que a ludicidade deve ter no ensino fundamental, baseada na prática pedagógica e a formação do professor que é de extrema importância, destacando como relação ao ensino e o brincar. Destacando que todo o atendimento deve acontecer de maneira lúdica e dinâmica para que a criança possa alcançar em seu processo de aprendizagem o desenvolvimento integral e social. Os resultados da pesquisa apontam a importância dos profissionais trabalharem com qualidade para formação de alunos leitores.

Palavras-chave: Prática pedagógica, ludicidade, desenvolvimento e aprendizagem.

ABSTRACT

This paper presents the results of a research highlighting relevant points about the use of playfulness as a facilitating tool in the reading process in elementary school. The ideas presented here are based on authors such as Vigotsky (1987, 1998 and 2001), Piaget (1996 and 1997). Morais (2012), Freire (2007), Ferreiro (2004) and others emphasize the importance of playfulness to train student readers. The research emphasizes how important it is to use playfulness in classroom practices. It deals with a reflection on authors about the process of knowledge construction during the period of training and learning, as well as the transformations that occur in the present time. The study allowed us to understand how the reflection must be in the life of this professional. Developed through bibliographical readings of qualitative nature and field observations, however, moving towards a better understanding of the social phenomenon in which the elementary school is inserted. In this way the research makes a concept of playfulness as well as the historical rescue of the traditional methodologies to the present ones in the process of teaching learning. It discusses the pedagogical role that playfulness should have in elementary school, based on pedagogical practice and teacher training that is extremely important, highlighting how it relates to teaching and playing. Emphasizing that all care should happen in a playful and dynamic way so that the child can achieve integral and social development in their learning process. The results of the research point out the importance of professionals working with quality for the training of student readers.

Keywords: Pedagogical practice, playfulness, development and learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1-CAPÍTULO: A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL	9
1.1 Ludicidade: Uma prática possível no processo de aprendizagem.....	9
2 - CAPÍTULO: METODOLOGIAS DE ENSINO.....	15
2.1 Métodos de Alfabetização Tradicional aos atuais.....	15
3-CAPÍTULO: O ATO DE LER	20
3.1 A formação do aluno leitor	21
3.2 Experiências de um professor do 2º ano	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a sociedade vive em constantes mudanças, onde novas tecnologias e conquistas surgem e fazem com que os indivíduos estejam em busca de acompanhar tais mudanças a fim de se apropriar de outras tecnologias. Na educação não seria diferente. Uma dessas mudanças é a utilização da ludicidade no processo pedagógico, o que faz despertar o interesse das crianças em aprender, preparando nossos educandos para enfrentar os desafios que aparecem, pois se percebe o quanto o lúdico deve se fazer presente no desenvolvimento humano a partir das práticas docentes.

O presente trabalho acadêmico foi desenvolvido com o objetivo de reconhecer, identificar e analisar como está sendo apresentada a ludicidade como instrumento facilitador do processo de leitura de um professor do 2º ano da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Semente do Saber no município de Ponta de Pedras/Marajó/Pará. Objetiva refletir sobre a importância do lúdico no processo de alfabetização, bem como de conscientizar os educadores que o problema de aprendizagem está relacionado às práticas educativas. Portanto, a ludicidade tem contribuições significativas para a vida dos educandos.

A referida pesquisa é de cunho bibliográfico com uma abordagem qualitativa, pois engrandece a capacidade e o entendimento acerca do tema trabalhado. A pesquisa bibliográfica oferece suportes favoráveis para a construção de tal trabalho.

O método utilizado na pesquisa foi à abordagem qualitativo, pois de acordo Chizzotte (2001, p.79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz num rol de dados isolados conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpretar os fenômenos atribuindo-lhes um significado.

O trabalho contou com a pesquisa de campo que enriquece a bagagem cognitiva, pois o contato direto com as pessoas possibilita mais entendimento ao pesquisador.

Buscou-se a partir dessa temática provocar nos educadores uma ação reflexiva sobre as implicações vivenciadas entre aqueles que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem. “Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 1996, p.39), dessa forma contribuir para redimensionar as ações e atitudes do educador, baseadas nas possibilidades de intervenção lúdica na sua prática, a fim de criar alternativas para o sucesso da aprendizagem, possibilitando assim a promoção do educando.

A presente pesquisa busca responder a seguinte situação problema: O lúdico é um instrumento facilitador para o processo de alfabetização?

Portanto, é notável o papel da escola para as crianças, consiste em proporcionar a aprendizagem e de maneira prazerosa. Então cabe ao professor a articulação das dimensões que é trabalhar o processo de aprendizagem. Para tanto, é necessário ter profissionais bem formados e conscientes da importância da associação do desenvolvimento cognitivo de maneira lúdica, integrada ao processo de ensino aprendizagem.

Nesse entendimento Vygotsk (1987), enfatiza que a aprendizagem e o desenvolvimento estão estritamente relacionados, sendo que as crianças se inter-relacionam com o meio objeto e social, internalizando o conhecimento advindo de um processo de construção.

Portanto, refletir sobre a importância da ludicidade na prática pedagógica como instrumento facilitador do processo de alfabetização, tendo como foco principal implantar a ludicidade, bem como de reconhecer as dificuldades dos educadores em trabalhar atividades lúdicas na sala. O lúdico pode ser utilizado por nossos educadores como forma de incentivar uma aprendizagem mais significativa e prazerosa, dessa forma o lúdico constitui um dos recursos mais eficazes de ensino para que a criança adquira conhecimento sobre a realidade.

1-CAPÍTULO: A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

A aprendizagem lúdica tem um papel fundamental nas práticas pedagógicas. Os alunos aprendem de maneira mais prazerosa e espontânea, são estimulados, ou seja, convidados a uma aprendizagem mais significativa. Através do lúdico o professor enriquece seu repertório de práticas visando a construção do saber a partir de metodologias inovadoras. Portanto é notável o quanto os jogos e brincadeiras enriquecem e proporcionam a aprendizagem significativa.

Diante desse contexto Luckesi (2000, p.57) afirma:

Uma educação que leve em consideração a ludicidade é um fazer humano mais amplo, que não se relaciona apenas à presença das brincadeiras ou jogos, mas também a um sentimento, atitude do sujeito envolvido na ação, que se refere a um prazer de celebração em função do envolvimento genuíno com a atividade, a sensação de plenitude que acompanha as coisas significativas e verdadeiras.

O lúdico tem valor educativo, basta que cada professor se aproprie dessa prática que dá certo, ela deve ser utilizada como ferramenta facilitadora no processo de aprendizagem. A partir de interações a criança é convidada a desenvolver-se. Compartilhando desse entendimento Machado (1986, p. 28) destaca que: “brincar ajuda a criança a se ajustar não só no ambiente físico, mas também ao meio social [...]”.

Portanto A LUDICIDADE com objetivo direcionado à aprendizagem precisa estar articulada com aquisição do conhecimento, a partir das brincadeiras e jogos a criança tem uma participação coletiva trabalhando o aspecto afetivo, social e cognitivo, ou seja, o desenvolvimento integral dela e uma maneira eficiente e produtiva da criança aprender. A escola pode e deve proporcionar através da ludicidade o desenvolvimento pessoal das crianças.

1.1 Ludicidade: Uma prática possível no processo de aprendizagem

As transformações na educação nos últimos tempos têm causado muitas mudanças, o Ministério da Educação (2012) destaca que:

A educação brasileira, nesta última década, passou por transformações intensas, relativas, sobretudo, ao ingresso das crianças na Educação Básica. A entrada aos seis anos no Ensino Fundamental desafiou os

educadores e definir mais claramente o que se espera da escola nos anos iniciais de escolarização. A divulgação pública dos resultados de avaliações em larga escala, como a Prova Brasil, também provocou aos gestores a explicitarem, de modo mais objetivo as estratégias para melhorar a aprendizagem dos discentes e, conseqüentemente, a qualidade no ensino. (p.06)

Hoje frequentam as salas de aula de primeiro ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, crianças que até pouco tempo faziam parte da Educação Infantil. Esse processo de transição provocou e ainda provoca implicações, indagações e opiniões de apoio ou contrárias ao Ensino de Nove Anos. Partindo desse entendimento Miranda (2005) considera que há a ausência de uma nova discussão clara sobre os fundamentos dos ciclos e em que a maior parte das publicações sobre o tema está orientada para a sua justificação e não de uma explicação sobre o que se deseja com os ciclos.

A implantação do Ensino Fundamental de Nove Anos se concretizou, sem que o planejamento e condições necessárias de acesso ao atendimento de crianças que nele estão inseridas fossem efetivamente estabelecidos. As mudanças sejam elas físicas, humanas e materiais estão sendo adequadas de maneira tímida. Diante das séries de mudanças e reformulação do ensino além da preparação das crianças para a nova forma de ensino. O Governo implantou como forma de “suporte” ao professor a formação continuada e orientação para todos que fazem parte do contexto escolar através do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) bem como destaca como deve ser este ambiente alfabetizador.

O PNAIC foi assumido pelo Governo Federal, estados, municípios com o compromisso de alfabetizar as crianças até no máximo 8 anos de idade, ao final do ciclo de alfabetização que vai do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos “ Busca-se, para tal, contribuir para o aperfeiçoamento da formação de professores alfabetizadores. Este Pacto é constituído por um conjunto integrado de ações, materiais e referências curriculares e pedagógicas a serem disponibilizadas pelo MEC” (BRASIL, 2012). As ações do Pacto consiste em quatro eixos de atuação:

1-formação continuada presencial para os professores alfabetizadores e seus orientadores de estudo;

2-materiais didáticos, obras literárias, obras de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais;

3-avaliações sistemáticas;

4-gestão controle social e mobilização.

Fica explícito que para a ampliação do ensino para nove anos, várias são as atribuições e contrapartidas que devem ser estabelecidas para que se tenha um bom desempenho das escolas, essa formação continuada deve ser bem mais aprofundada fazendo principalmente o professor perceber que o objetivo do EF de nove anos não é uma antecipação de escolarização e sim de garantia da aprendizagem de nossas crianças, ele deve perceber que precisa ser um professor alfabetizador deve compreender e interpretar o conceito de alfabetização com o objetivo de fundamentar sua prática, capaz de alfabetizar nossas crianças.

No entanto para se alcançar tal objetivo, ou seja, a Alfabetização na Idade Certa é necessário que o professor utilize ferramentas necessárias para auxiliar no processo de alfabetização, e uma dessas ferramentas é a ludicidade.

A ludicidade é uma prática possível e eficaz no processo de aprendizagem na alfabetização de nossas crianças, ela já faz parte da vida delas, o professor só precisa adequá-la e direcioná-la de maneira correta e objetiva.

A prática docente que envolve a ludicidade no processo educativo está cada vez mais presente e se fazendo necessário no ato de ensinar, pois se modifica de acordo com as transformações desse mundo dinâmico no qual estamos inseridos. A prática docente deve ser inovadora para acompanhar o dinamismo dessa sociedade que se transforma a cada dia.

Para tanto, o trabalho com a ludicidade nas salas de aulas precisa estar presente como instrumento facilitador da aprendizagem, que cada vez mais vem se aperfeiçoando e trazendo várias discussões importantes destacando sua grande contribuição como instrumento de apoio para o educador. Acredita-se que a partir de atividades lúdicas as crianças aprendem de maneira mais prazerosa e aprendem a conhecer seus próprios limites, bem como buscam novas experiências e interações.

Nesse entendimento, o educador precisa se apropriar de tais práticas, desenvolvendo o processo lúdico em suas atividades a fim de buscar uma nova

forma de ensinar mais interessante e espontânea que chame a atenção das crianças. Para Gomes (2004):

[...] o lúdico representa uma oportunidade de reorganizar a vivência e reelaborar valores, os quais se comprometem com determinado projeto de sociedade. [...] o lúdico pode colaborar com a emancipação dos sujeitos, por meio do diálogo, da reflexão crítica, da construção coletiva e da contestação e resistência à ordem social injusta e excludente que impera em nossa realidade (GOMES, 2004, p. 146).

Portanto, o lúdico traz grandes contribuições para as crianças, pois a partir de atividades lúdicas as crianças aprendem valores, interações, reflexões que as fazem exercer o seu verdadeiro papel na sociedade, que muitas vezes é excludente e discriminatória, mas se as crianças desde pequenas se apropriarem de conhecimentos necessários poderão fazer a diferença em seu meio social.

Nesse entendimento, a prática da ludicidade é uma necessidade em nossas salas de aula, elas precisam ser organizadas e elaboradas com objetivos pedagógicos que facilitem a aprendizagem bem como o desenvolvimento integral da criança. As atividades lúdicas trabalham integração das diversidades de alunos que o educador recebe.

As atividades lúdicas compõem brincadeiras, jogos e atividades que desenvolvem as habilidades físicas, afetivas sociais e intelectuais. A criatividade, a autonomia, a responsabilidade e o respeito à diversidade. Promove adaptações sociais, favorece o processo de comunicação, potencializando a socialização.

As brincadeiras devem fazer parte do mundo escolar de nossas crianças, a partir delas as crianças são motivadas para usar o saber que elas têm, nota-se mais espontaneidade por parte das crianças. De acordo com Piaget (1998, p.62) “o brincar não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, Afetivo e moral”.

Portanto, as brincadeiras não podem ser uma forma de passar o tempo apenas, mas sim uma ferramenta facilitadora no processo de aprendizagem de nossas crianças. Vários aspectos são desenvolvidos quando utilizamos os brinquedos, brincadeiras e jogos na sala de aula, através deles nossos alunos

desenvolvem o cognitivo, coordenação motora, integração social da turma e outros aspectos importantes para o desenvolvimento integral do aluno.

De acordo com Vygotsky (1984):

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre um nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independente um problema, e nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através de resolução de um problema sob orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz. (VYGOTSKY, 1984, p. 97)

Diante do exposto, fica explícita a grande importância das brincadeiras bem como os jogos para o desenvolvimento da aprendizagem no ensino fundamental. Elas também trabalham as relações de interação professor-aluno e aluno-aluno, trazendo grandes contribuições como: produção do conhecimento de maneira mais consistente e atrativa, interação social e emocional da criança com o meio além de proporcionar aprendizagens significativas a ludicidade também atua como atividade diagnóstica do nível de aprendizagem bem como de possíveis dificuldades de aprendizagens. As atividades lúdicas proporcionam nas crianças experiências de afetividade, social e cognitiva e assim a produção de conhecimentos necessários para aprendizagem de nossas crianças.

A garantia de um espaço que proporcione a educação de forma lúdica no contexto escolar é a possibilidade de educação da criança em uma perspectiva criadora, voluntária e consciente. A escola obrigatória que não é lúdica não se mantém atrativa para seus alunos, porque eles não veem nela algo que lhes será bom para o futuro, com um sentido que eles nem sabem direito o que são ou significam.

O professor, através da ludicidade, ou seja, dos jogos e brincadeiras, deve proporcionar conhecimento formal para a ampliação dos conceitos de nossas crianças. Toda criança pode construir e ampliar conceitos através da interação com outras crianças ou indivíduos mais experientes, ou seja, com a mediação do professor, conceitos estes que talvez ela não tenha condições de realizar sozinha. Dessa forma, as brincadeiras assumem papel importante e diferente nos vários períodos do desenvolvimento.

Nesse entendimento, é notável o desenvolvimento das crianças a partir dos jogos e brincadeiras, eles são capazes de desenvolver uma variedade de problemas de forma incrível, promovendo a aprendizagem de forma significativa, tendo seu mediador (professor) para ajudá-lo a superar as dificuldades de aprendizagem, superar os desafios que lhes são propostos no contexto escolar.

Diante de toda essa discussão, é importante ressaltar que a inserção das atividades lúdicas, não exclui os conceitos de português, matemática, ou seja, aquelas disciplinas inseridas no currículo escolar. Pelo contrário as atividades lúdicas servirão de suporte para se alcançar melhores resultados na aprendizagem destas disciplinas. Segundo Freire (1997):

Compreender a capacidade infantil capacita o professor a intervir para facilitar o desenvolvimento da criança. Isso contribuiria para reforçar a ideia de que a escola, na primeira infância, deve considerar as estruturas corporais e intelectuais que dispõem as crianças, utilizando o jogo simbólico e as demais atividades motoras próprias da criança nesse período. (1997, p.44).

A partir da proposta lúdica na prática educativa, nota-se que as crianças participam com mais motivação e interação, tendo reflexo nos momentos de desenvolver suas atividades, elas conseguem ter mais autonomia nos momentos das atividades e uma participação mais ativa na sala de aula.

A utilização e uso das brincadeiras e jogos educativos com fins pedagógicos, nos leva a refletir a importância desse instrumento para mediação do professor nas situações de ensino-aprendizagem dos nossos alunos do ensino fundamental.

Utilizar a ludicidade na educação traz uma aprendizagem mais prazerosa, ativa e motivadora. A utilização de tais práticas possibilita uma condição de ampliação do conhecimento, possibilitando o acesso a vários tipos de conhecimentos e habilidades.

Portanto, podemos dizer que as propostas pedagógicas que envolvem atividades lúdicas que permitem prazer, interação e aprendizagem são eficazes ao contrário das atividades escolares mais frequentes. Por isso, precisa se ter um olhar mais especial por todos nós educadores, como um instrumento facilitador com o objetivo da alfabetização na idade certa. O lúdico é essencial para uma escola que

tenha como seu principal objetivo a formação do cidadão uma aprendizagem em todas as dimensões seja ela social cognitiva ou pessoal.

2 - CAPÍTULO: METODOLOGIAS DE ENSINO

As metodologias de ensino demonstradas são ferramentas importantes que o professor utiliza para desenvolver em seus alunos a aprendizagem. Entende-se, portanto que há dois sujeitos inseridos nesse processo: professor e aluno.

2.1 Métodos de Alfabetização Tradicional aos atuais

Os métodos de alfabetização são enfoques de discussões ao longo dos tempos. Muitos educadores procuram entender e buscam responder às indagações que cercam e fazem parte da educação, os métodos tradicionais de alfabetização vigentes eram o analítico e o sintético. Apesar de termos na atualidade o modelo construtivista ainda se prevalece em algumas salas de aula o método tradicional.

Esse tipo de ensino tradicional visava o aluno como mero receptor e reproduzidor de conteúdos. Nesse entendimento Morais (2012, p. 27) diz que:

Segundo tal perspectiva, o aprendiz é uma tábula rasa e adquire novos conhecimentos (sobre o alfabeto) recebendo informações prontas do exterior (explicações sobre as relações entre letras e sons) que, através da repetição do gesto gráfico (cópia) e da memorização (das tais relações entre letra e sons), passariam a ser suas. A aprendizagem é vista como um processo de simples acumulação das informações recebidas do exterior, sem que o sujeito precisasse, em sua mente, reconstruir esquemas ou modos de pensar, para poder compreender os conteúdos (sobre letras e sons) que alguém (a escola, a professora) estava lhe transmitindo.

Portanto é explícito que método tradicional trabalhava apenas a cópia, a reprodução. Os conteúdos eram decorados e ao pedir que as crianças lessem elas liam, pois tinham decorado através da repetição; era uma aprendizagem receptiva e mecânica. Nesse método predominava a autoridade do professor como o único capaz de transmitir o conhecimento: o que o professor dizia era a mais pura verdade não poderia em momento algum ser questionado. Não se levava em consideração os conhecimentos do aluno muito menos a realidade social dele, [...] todos os métodos tradicionais de alfabetização enxergam a escrita como um mero código de transcrição da língua oral: uma lista de símbolos (letras) que substituem fonemas

que já existiram como unidades “isoláveis” na mente da criança ainda não alfabetizada [...] Morais (2012, p. 27).

Mas o método que historicamente mais influenciou a alfabetização brasileira foi o sintético que está dividido em três correntes: alfabéticos, fônicos e silábicos. De acordo com Morais (2012, p.28) são eles:

1. Por trás dos métodos alfabéticos (“B com A, BÂ”, “B com E, BE” etc.) existe a crença de que o aprendiz já compreenderia que as letras substituem sons e que, memorizando “casadamente” os nomes das letras, ele poderia ler sílabas. [...];
2. Por trás dos métodos fônicos está a crença de que os fonemas existiriam como unidades na mente do aprendiz (que poderia não só pensar neles, mas sem muito esforço, pronunciar /s/ /a/ /v/ /i/ para a palavra-chave). Reivindicando que os nomes das letras (usadas pelos defensores dos métodos alfabéticos) não traduzem os sons que as letras assumem, propõem que o aprendiz seja treinado a pronunciar fonemas isolados e a decorar as letras que a eles equivalem, para juntando mais e mais correspondências fonema-grafema, possa ler palavras e, um dia, ler textos;
3. Por trás dos métodos silábicos (“BA, BE, BI, BO, BU...BÃO”), está a crença de que o aprendiz não só compreenderia que algumas poucas letras juntas substituem sílabas das palavras que falamos, mas que ele acreditaria que coisas escritas apenas com duas letras poderiam ser lidas. Decorando as sílabas e “juntando-as”, ele chegaria a ler palavras e... um dia ele leria textos;

Outro método tradicional é o analítico. Nele temos três grupos principais: a palavrção, a sentenciarção e o método global (ou dos contos, ou historietas). Para Mortatti (2016, p.07) o método:

[...] baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção – de caráter biopsicofisiológico – da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética. A despeito das disputas sobre as diferentes formas de processuação do método analítico, o ponto em comum entre seus defensores consistia na necessidade de se adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção de criança.

No procedimento de palavrção, palavras relacionadas são exibidas em agrupamentos retiradas de um texto ou de uma história e os alunos aprendem a partir da visualização e pela forma gráfica, ou seja, o próprio faz a semelhança da

palavra com a imagem formando uma análise dos dois elementos [...] (por exemplo, um semestre letivo), os alunos são ensinados a identificar e copiar um repertório de palavras para, só depois, começarem a partir as palavras em sílabas e as sílabas em letras e fonemas. Morais (2012, p.30).

Além do procedimento de palavração temos o de sentencição, o qual utiliza o processo de comparação das palavras, no entanto, ela encerra os elementos distinguidos dela aumentando, assim, o vocabulário. [...] a cada unidade didática ou lição, as crianças memorizariam (de modo a poder identificar e copiar) sentenças completas, para, em seguida, tratar isoladamente suas palavras e, depois, analisarem tais palavras em partes menores. Morais (2012, p.30).

Já o processo global baseia-se em pequenas histórias, em seguida decompõem-se do texto frases, as frases em palavras, as palavras em sílabas, para o final, a formação de novas palavras com as sílabas estudadas. [...] O “grande todo”, o texto, seguiria, então, os passos do método anterior: suas frases seriam trabalhadas isoladamente e, do interior das mesmas, seriam selecionadas algumas palavras, cujas sílabas ou relações fonema-grafema seriam enfocadas. Morais (2012, p.30).

Portanto fica explícito que é necessário romper com os paradigmas que por muito tempo se fizeram presentes na ação educativa, confundindo-se ensinar com transmitir conteúdo, onde o aluno era o agente passivo da aprendizagem e o professor um mero transmissor de conhecimentos, o que se constitui, hoje, numa contradição frente às novas exigências do ensinar e do aprender.

Para o profissional que realmente está comprometido com a educação e de qualidade, o entendimento da constituição e desenvolvimento da aprendizagem lúdica é de fundamental importância, pois provoca uma reflexão sobre seu real valor e possíveis erros cometidos anteriormente, que não poderão ser copiados. Almeida (1998, p. 37) alerta que: Não existe ensino sem que ocorra aprendizagem e esta não ocorre se não for pela transformação do educando pela ação facilitadora do professor, no processo de busca e construção do conhecimento que deve ser despertado no aluno. É nesse contexto que o lúdico ganha força.

Faz-se necessário ressaltarmos que o lúdico contribui em muito para a formação do eu, que se torna capaz de criticar, pensar, ou seja, de ser participativo e é responsável pela iniciativa pessoal de seu contexto histórico cultural.

Nesse sentido a escola pode e deve proporcionar um ambiente capaz de desenvolver o cidadão crítico e isso é possível a partir da ludicidade com jogos e brincadeiras, onde esses podem ser usados como instrumento facilitador à aprendizagem. Para Almeida (1998, p.57):

A educação lúdica, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. Sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio.

Nesse entendimento, lançar mão de desafios que estimulem a criatividade dos alunos e de atividades lúdicas como, por exemplo, jogos, faz de conta e brincadeiras, é imprescindível para que a aquisição de conhecimentos sistematizados seja considerada prazerosa e atrativa para nossas crianças. A utilização de jogos e brincadeiras de maneira pedagógica em sala de aula pode instigar os alunos à construção do pensamento de forma significativa e à convivência social, pois, ao atuarem em equipe eles se socializam e percebem a importância de interagir com todos. Os jogos e brincadeiras também podem ser usados como estratégia didática antes da apresentação de um novo conteúdo, com a intenção de despertar o interesse do aluno, ou como atividade de apoio do conteúdo ministrado.

As metodologias de ensino a partir da aprendizagem lúdica têm o caráter de enriquecer as práticas escolares. O aluno se sente mais estimulado para aprender se o estudo for atraente e tiver associação com metodologias que primem pela construção do saber.

Nessa perspectiva Morais (2012, p.114) enfatiza que:

Nossa intenção, portanto, não é prescrever uma metodologia miraculosa de alfabetizar, subentendendo que todas as demais seriam inadequadas ou inferiores. Como afirmamos em outra ocasião (MORAIS, 2006 a), os que abraçamos um ideal construtivista precisamos recordar que, em diversos países-Cuba é um bom exemplo-, as crianças continuam sendo alfabetizadas com métodos sintéticos e os índices de fracasso na alfabetização são inexpressivos. Interpretamos, portanto, que a adoção de

um enfoque construtivista tem a ver com a crença de que essa perspectiva é a que, hoje, melhor explica, de forma geral, o que é a escrita alfabética e como os indivíduos dela se apropriam, e que nos permite pôr em prática, no interior da escola, certos princípios de ordem filosófica.

Nesse sentido, percebe-se a necessidade de utilização de metodologias inovadoras tendo em vista proporcionar situações de aprendizagem efetivas e significativas. O aluno, dentro do contexto escolar, deve ser percebido como principal agente no processo de construção do saber. A efetivação de novos métodos de ensino leva o aluno à interpretação do meio, favorece a vivência cotidiana, promove experiências partilhadas que fundamentam a reflexão, interagindo e formando. Para Vigotsky (2001) o ponto de partida para desenvolver um conhecimento crítico é a prática social inicial, uma vez que o ser humano se constrói socialmente. Fora desta premissa não há possibilidade de socialização. Diante do exposto cabe ao professor ser o mediador desse processo.

O importante é dominar o método de ensino que possibilitará a construção do conhecimento, projetar mecanismos próprios, utilizar recursos que possam analisar inserir a criatividade na prática social e na produção de conteúdos, sedimentando atitudes constantes, criativas, levando em conta suas capacidades, modos de criar uma forma de apontar possíveis soluções que levem os alunos e professores a uma reflexão crítica dos fatos.

Cunha (1994) em sua pesquisa “o bom professor”, entre outros aspectos, analisa que a relação professor e aluno passam pela forma com que ele se relaciona com sua área de conhecimento, por sua satisfação em ensinar e por sua metodologia (p. 70 a 71). Esse entendimento nos leva a refletir sobre o papel que a escola tem diante das metodologias aplicadas, bem como o olhar atento do coordenador pedagógico em relação ao uso das práticas pedagógicas dos professores, mas não basta só ter o olhar, é preciso acompanhar o processo, ajudar nas dificuldades encontradas bem como de fornecer assessoramento na efetivação do ensino. O potencial criativo varia muito e está diretamente ligado às oportunidades e aos estímulos para desenvolvê-lo, à capacidade de solucionar problemas, de usar o pensamento e a imaginação de modo original e inovador.

Enfatizamos assim, que a metodologia utilizada pelo professor é essencial para um ensino de qualidade que estimule os alunos a construir uma aprendizagem

significativa por meio da aprendizagem lúdica, pois é no brincar que o indivíduo pode ser criativo. Vale lembrar que, aprender é construir significados e ensinar é oportunizar esta construção. Se para a criança for dada a possibilidade de aprender a partir de métodos inovadores na sala de aula, entendendo essa ação como um ato educativo, ter-se-á no âmbito escolar a interação que possibilita descobertas e conhecimentos sobre si mesmo, sobre o outro, sobre o mundo que o rodeia. Sendo assim, ressaltamos que as interações são fundamentais no processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano. Para a criança, além da interação com o adulto, que é fundamental, entre crianças é igualmente importante. As crianças aprendem muito umas com as outras, pois as levam a confrontarem seus pontos de vista e suas informações, a argumentar e negociar para chegar a um acordo. A criança é incapaz de resolver uma situação-problema sozinha aprende com a participação do outro, alguém que seja o mediador desse processo.

Diante de todo esse processo de ensino a criança deve ser instigada ao processo de alfabetização, que deve ser iniciado “no final da educação infantil, um ensino que permita as crianças não só conviver e desfrutar, diariamente, de práticas de leitura e produção de textos escritos, mas refletir sobre as palavras, brincando, curiosamente, com sua dimensão sonora e gráfica” MORAIS (2012, p. 116).

3-CAPÍTULO: O ATO DE LER

Na atualidade fazem-se necessários termos alunos leitores. O hábito da leitura deve ser visto como agente de mudança no contexto social do aluno. Destaca-se uma reflexão sobre a importância na vida das pessoas e recomendando novas metodologias para a rotina da escola, como forma de abrir os olhos para o encanto que é o mundo da leitura, desenvolver no aluno a conscientização dessa necessidade no dia-a-dia e estimulá-lo ao hábito de ler, sempre que possível. Espera-se que assim as escolas terão mais possibilidades de aplicar as atividades de leitura de forma mais dinâmica, inserindo seu aluno nesse momento para que ele possa compreender o quanto a leitura lhe é necessária bem como perceber o quanto ela é importante e passe a desfrutar de todo o benefício que ela é capaz de proporcionar ao cidadão tornando-o consciente de seus atos.

3.1 A formação do aluno leitor

Pensando na formação de alunos leitores, conscientes e críticos, falaremos sobre quem deve ser o mediador de tal prática. Este será responsável em fazer a mediação a partir de estratégias para que ocorra de fato a formação do aluno leitor. O professor deve concretizar sua prática, pois sabemos que na maioria das escolas essa prática não é efetiva, ou seja, não acontece de fato.

Então, como mediador desse processo de mudança de hábitos, o professor deverá conscientizar seus alunos que, ao ler, ele estará fazendo um exercício amplo de raciocínio, tornando-nos indivíduos praticantes leitores, sujeitos criativos.

Mas para que o professor seja este mediador é preciso ter preparo, pois o que notamos é que a maioria dos profissionais pouco conhece os textos em movimento, carentes de recursos para instigar seus alunos ao caminho da leitura, desprovidos de técnicas e metodologias adequadas para ministrar suas aulas. Como mediador desse processo, deverá propiciar atividades práticas que fundamentem o ato de ler, criando variados contextos de leitura pautados em estratégias capazes de promover o letramento.

Magda Soares (2009, p.47) diz que “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita”. Ela também mostra a distinção entre ser alfabetizado e ser letrado:

[...] a pessoa que aprende a ler e a escrever – que torna alfabetizada – e que passa a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa ler ou escrever – é analfabeta – ou sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita. (SOARES, 1998, p.36).

Fica notável o esforço que o professor deve fazer para ser esse mediador. Ele precisa se apropriar de ferramentas capazes de promover o universo letrado para seus alunos, na verdade deve-se também ser um profissional leitor. Para tanto é preciso desenvolver-se como pessoa e profissional, a fim de proporcionar aos alunos uma sociedade mais crítica e justa.

Quando o profissional busca novas práticas pedagógicas, ele estará se renovando, melhorando a seu repertório de ferramentas significativas e eficazes para utilizar no seu dia-a-dia da sala de aula, bem como aperfeiçoar os conhecimentos, pois vivemos em constantes mudanças e contextos sociais. Precisamos também saber selecionar nossos materiais de leitura, para que estes sejam relacionados ao contexto de seus alunos, pois isso favorecerá sua capacidade de criar, inovar e se ressignificar diante desse mundo dinâmico e de contextos sociais diversos.

Nesse entendimento Freire (1996, p.39) diz que [...] na formação permanente de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática [...].

Isso significa dizer que o verdadeiro professor é aquele que busca se formar e um dos caminhos é por meio da reflexão. Portanto, a prática docente tem que ser objeto de reflexão permanente, mas esta reflexão tem que ser fundamentada teoricamente, ou seja, o professor precisa iluminar seu olhar em relação sua prática.

Para quem mostra compromisso com a educação, levando os alunos para o caminho das palavras de maneira alguma terá incredibilidade sobre sua postura como alguém que denomina o conhecimento nessa área como profissional. Tão importante quanto ensinar a ler, e formar um leitor crítico e interpretativo.

Vivenciar nossa sociedade nos dias de hoje, o acelerado crescimento de estratégias e mudanças, nos faz refletir que devemos submeter-nos à implantação de novas práticas pedagógicas, que visem atender os interesses e necessidades das crianças. Apesar de tantas transformações, elas dominam habilmente as novas tecnologias, mais até que nós professores, por isso devemos despertar nelas o interesse pela leitura, uma leitura com perfis diferentes daqueles que idealmente a escola vem trabalhando há décadas. Sendo assim, deve-se provocar não somente o resgate pelo ato da leitura, mas também em especial, a compreensão do que se lê.

Dessa forma, o professor identificará interesses e dificuldades do ato de ler em seus alunos. Com isso reforçará a leitura, frente às modificações modernas. Nos dias atuais a formação do aluno leitor tem sido um dos grandes desafios das

escolas. Para que nossos alunos entrem em contato com os bens culturais, faz-se necessário o uso da leitura, pois o ato de ler abre novas perspectivas, permitindo-lhes melhor conhecimento da realidade de seu contexto social.

Segundo Freire (1997, p.11):

“a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e oralidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

De acordo com o autor fica explícito a necessidade de desenvolver em nossas crianças o ato de ler, trabalhando a partir da experiência pessoal do aluno para dar um sentido mais significativo para as literaturas trabalhadas em sala, proporcionando dessa forma a compreensão das variadas funções sociais do ato de ler, mas não só ler e sim ser capaz de compreender o que se lê, pois a leitura faz parte do dia-a-dia, do contexto em que estamos inseridos.

A leitura deve desenvolver o lado crítico do aluno é preciso que o professor estabeleça uma variedade de gêneros textuais, ou seja, uma aula de leitura, o que levará o aluno e professor a compreenderem a riqueza da prática da leitura. Por isso, construir um espaço cheio de opiniões críticas e variadas leituras em busca do saber e da liberdade é tarefa e responsabilidade que todo professor deve assumir com o objetivo de formarmos de fato crianças capazes de fazerem a diferença em seu contexto social.

Mas, para a criança desenvolver a leitura de fato ela precisa estar alfabetizada. Para Ferreiro (2003, p. 14)

“Alfabetização tem início bem cedo e não termina nunca. Nós não somos igualmente alfabetizados para qualquer situação de uso da língua escrita. Temos a facilidade de lermos determinados textos e evitamos outros. O conceito também muda de acordo com as épocas, as culturas e a chegada da tecnologia”.

Nesse entendimento, alfabetizar preparar a criança para participar diretamente das decisões dinâmicas da sociedade, e ter a capacidade de formar os conceitos sobre aquilo que estão lendo.

Leal, Mendonça, Morais e Lima, no fascículo 5 do Pró-Letramento de Alfabetização e Linguagem (2008, p. 6), ressaltam que: “entende-se alfabetização

como o processo de apropriação do sistema alfabético de escrita e letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita”. Nesse entendimento, faz-se necessário que a escola ofereça aos alunos, desde os primeiros anos de escolarização, oportunidades de contato com a leitura de maneira que ela futuramente possa ler e produzir diferentes textos com autonomia.

Nesse sentido, o professor precisa promover tanto a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética quanto as práticas de leitura, escrita e oralidades significativas na alfabetização e no ensino da língua materna. Os autores destacam uma proposta de “alfabetizar letrando” e trazem uma ideia vasta, motivando, para qualquer ação pedagógica no campo da alfabetização, a importância da noção de práticas de letramento:

Ao mesmo tempo em que a criança se familiariza com o Sistema de Escrita Alfabética, para que ela venha a compreendê-lo e a usá-lo com desenvoltura, ela já participa, na escola, de práticas de leitura e escrita, ou seja, ainda começando a ser alfabetizada, ela já pode (e deve!) ler e escrever, mesmo que não domine as particularidades de funcionamento da escrita. Na verdade, hoje não se pretende mais que o aluno primeiro se alfabetize e, só depois de “pronto”, possa usar a escrita para ler e escrever, e formular hipóteses sobre a organização do sistema de escrita alfabética; espera-se que os dois processos ocorram simultânea e complementarmente. (LEAL, MENDONÇA, MORAIS e LIMA, 2008, p. 6)

É preciso, portanto, reconhecer que a escola tem como função principal orientar de forma sistemática os processos de alfabetização e letramento, para que a criança aproprie-se formalmente do sistema alfabético e das práticas de leitura de maneira letrada. Cabe ao professor estimular os alunos, pois o incentivo é o princípio de tudo e deve ser alimentado nesse processo de alfabetização. Alunos estimulados se envolvem mais facilmente nas atividades relacionadas a esse processo, conseqüentemente, estão mais dispostos a aprender. A alfabetização é um processo que vai além de decodificação de palavras e memorização de símbolos. Consiste em um conjunto de estruturas de pensamentos e capacidades psicomotoras que possibilita a compreensão de natureza conceitual e das formas de representação gráfica da linguagem.

Mas muito se discute sobre como alfabetizar, que método trabalhar. Vários são os autores que dialogam sobre o tema, mas citaremos Morais (2012 p. 44 a 45) que baseado no método da psicogênese teoria criado por Emília Ferreiro e Ana Teberosky [...] tem insistido em dois pontos que nos parecem essenciais, para

entendermos porque a tarefa do alfabetizando não é aprender um código, mas, sim, se apropriar de um sistema notacional.

Nesse entendimento Moraes (2012, p.48) ainda destaca dois momentos para entendermos:

Em primeiro lugar, precisamos reconhecer que para o aprendiz da escrita alfabética, as “regras de funcionamento” ou propriedade do sistema não estão já “disponíveis”, “dadas” ou “prontas” na sua mente. De início, ele não sabe como as letras funcionam, ou tem uma visão ainda diferente de que nós, adultos alfabetizados, adotamos como se fosse a única possível; Em segundo lugar, a teoria da psicogênese da escrita mostra que, assim como a humanidade levou muito tempo para inventar o sistema alfabético, após ter usado outros sistemas de escrita(sistemas pictográficos, ideográficos, silábicos etc.), a internalização das regras e convenções do alfabeto não é algo que se dá da noite para o dia, nem pela mera acumulação de informações que a escola transmite prontas, para o alfabetizando.

Algumas escolas já desenvolve os métodos da psicogênese o que notamos é que o método é eficaz para a aprendizagem das crianças, consegue-se perceber os níveis de alfabetização que as crianças se encontram para assim dar continuidade a fase de desenvolvimento dessa criança.

Na fase de alfabetização, o aprender pode ser uma maravilhosa aventura, onde a criança se lança num mundo mágico desempenhando atividades com seriedade e motivação, mas isso só será efetivo se o professor inovar suas práticas.

O professor precisa se preocupar com as metodologias, pois elas devem ser de maneira que estimulem o aluno à curiosidade, pois esta é a melhor forma de promover a aprendizagem. As crianças constroem o conhecimento em sala de aula desde cedo, numa interação com os objetos que as cercam, sobre as sequências de ações, nas experiências vividas com os outros e através da mediação do professor. Por esse motivo que as práticas devem ser instigadoras. Esse conhecimento tem características que vão se transformando ao longo do desenvolvimento.

Silviane Barbato (2008, p. 21) ressalta a importância da inserção de atividades lúdicas como suporte para a aprendizagem:

As crianças de 06 anos constroem seu conhecimento, utilizando procedimentos lúdicos como suporte para a aprendizagem. O lúdico não se refere somente às brincadeiras livres, como as do recreio, ou planejadas como as elaboradas por professores com fins didáticos; ele é utilizado como suporte pelas crianças: a imaginação é um processo que possibilita a construção do conhecimento de forma diferenciada e é um instrumento de aprendizagem das crianças menores.

A formação do aluno alfabetizado tem como processo diversos conhecimentos para que haja de fato a aquisição de saberes sistematizados na vida da criança. Envolve várias áreas de seu cognitivo como concentração, memorização, resolução de problemas e situações-problemas. Para resoluções, a imaginação é um fator indispensável porque proporciona soluções. A criança se envolve sem medo no mundo da imaginação levando em consideração seus erros e acertos de forma livre e intencional.

De acordo com Emília Ferreiro (2004), deve-se iniciar o processo de alfabetização valorizando o conhecimento de seu contexto, ou seja, da interação social e familiar que o aluno traz consigo. Para ela, o aluno não vem para a escola sem saber de nada, ele traz consigo um aprendizado importante que deve ser aprimorado e contextualizado para promover condições favoráveis às suas necessidades cotidianas.

Dessa forma a criança terá oportunidade de estar inserida no ato de ler como leitor de fato, ou seja, um aluno letrado a partir das atividades inovadoras bem como lúdicas. O lúdico pode e deve estar inserido nas práticas pedagógicas a fim de formar alunos leitores conscientes, críticos e capazes interferir em suas próprias ações. Fica claro que a ludicidade como é o instrumento facilitar para desenvolver a leitura em nossas crianças.

3.2 Experiências de um professor do 2º ano

A partir das observações do trabalho de uma professora do 2º ano da Escola de Ensino Fundamental Semente do Saber, percebi as dificuldades que os alunos tinham para ler e compreender as atividades trabalhadas. No decorrer das observações ficou mais notável que a participação dos alunos é mais proveitosa quando as atividades propostas são desenvolvidas com a ludicidade através de jogos e brincadeira.

Notou-se que nessa turma o lúdico não é trabalhado frequentemente, mas nota-se o esforço que a professora faz para incluir quando possível. Em alguns momentos ainda prevalece nas metodologia da professora o método tradicional de ensino, mesmo assim nota-se em seu alunos uma participação uma interação com o conteúdo desenvolvido pela professora, a escola trabalha com dinâmicas e

brincadeiras mas essas são frequentes na sexta feira todas as turmas tiram só um dia para trabalhar a ludicidade, alguns professores até tentam incluir a ludicidade em seu dia a dia mas há uma resistência da direção da escola ter que cumprir os conteúdos. Com a fiscalização e orientação do PNAIC o professor se esforça mais para desenvolver atividades lúdicas, mas a falta de material didático e até mesmo pela quantidade de alunos por turma e o fato da professora trabalhar sozinha com 25 crianças às vezes acaba desmotivando o professor a buscar o novo.

Diante desta análise fica perceptível que a escola também tem parcela de culpa nesse processo e a meu ver os problemas citados acima contribui em parte a professora de realizar um trabalho mais dinâmico com os alunos. Este foi um dos problemas que foi constatado em minhas observações. Mas sabemos que o problema não está somente nisso, sabemos também que há uma resistência desses profissionais, tais como: falta de informações atualização, pois vivemos em uma sociedade que sofre mudanças constantemente principalmente pelos avanços tecnológicos. Antunes (2000) diz que:

O professor do século XXI precisa se adequar as transformações tecnológicas, adquirindo novas competências e habilidades para que possa não só ensinar como também “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver junto”, “aprender a ser” (p.74).

Assim, fica explícito o quanto nossos professores precisam se qualificar, adequando ao dinamismo da sociedade em constantes mudanças, pois as crianças também estão inseridas nesse processo e tem uma aceitação bem melhor que a nossa. Dessa forma é necessário que nós envolvamos neste processo.

Nesse entendimento, percebe-se que a alfabetização tem que conter o método construtivista, não deve ser mais aceito com o método tradicional de ensino, que a alfabetização seja para nossos alunos um momento prazeroso e eficaz, que nossos professores compreendam a ludicidade como instrumento facilitador da aprendizagem.

Com base nas respostas do questionário aplicado com a professora do 2º ano e as respostas foram bastante interessante. As respostas da professora servirão de base para se perceber que a ludicidade tem eficácia no desenvolvimento da aprendizagem e que ela pode e deve está inserida em sala de aula.

A primeira pergunta do questionário: Você vê na ludicidade uma ferramenta facilitadora da aprendizagem? Justifique? “sim, quando trabalho uma atividade lúdica os alunos se interessam e interagem bastante com o conteúdo, trocam ideias e eles pedem para repetir mais vezes aquela forma de ensinar”.

Diante do exposto fica claro a eficácia da ludicidade no processo de aprendizagem os professores precisam cada vez mais se apropriar dessa ferramenta em sala de aula para que a aprendizagem seja mais efetiva e para que nossos alunos recebam as atividades como conhecimentos significativos nas atividades que estão sendo trabalhadas em sala de aula.

Levando em consideração a responsabilidade que o professor tem em sala de aula para desenvolver seu aluno, ele precisa se apropriar das ferramentas que lhes são colocadas em sala de aula para promover atividades prazerosas para esse a fim de despertar nele o prazer em aprender.

Outra questão levantada à professora: Em que sentido a ludicidade favorece a aprendizagem da criança? “No sentido de aprendizagem mesmo, pois a ludicidade já faz parte da criança a partir das brincadeiras e quando a gente promove atividades que interagem com o meio deles, eles conseguem aprender com mais satisfação”. A resposta da professora muito contribuiu comigo, pois pude perceber que ela tem uma visão de que a ludicidade é capaz de desenvolver nossos alunos. Foi possível notar que ela precisa é só de “empurrãozinho” para tomar consciência e se abrir para o novo.

Dando continuidade às perguntas outro questionamento foi: Qual o resultado você alcança após uma aula lúdica? “resultados positivos como já citei noto o entusiasmo deles e o resultado na aprendizagem é bem significativo, eles participam com mais vigor e logo aprendem mais, acredito que consiga alcançar o objetivo da aula com mais eficácia”.

Diante dos questionamentos podemos nota a força de vontade da professora e ao responder ao último questionamento podemos tirar melhores questionamentos do fazer pedagógico de nossos professores. Outro questionamento foi: Quais as dificuldades para trabalhar com o lúdico na sala de aula? “as dificuldades são tantas que não consigo expressar, uma que a sala está muito lotada, os recursos

disponíveis na escolar são mínimo do mínimo, o apoio e orientação da coordenação são poucas, as dificuldades familiares e sociais de nossas crianças dificultam nosso trabalho, pois são crianças que precisam muito de orientação, em fim são várias as dificuldades que tento superar no meu dia a dia em sala de aula”.

Portanto é notável o esforço da professora, que mesmo com as dificuldades sempre está com sorriso no rosto para receber seus alunos, apesar de que a escola não oferece uma estrutura física adequada muito menos os materiais necessários, mesmo assim ela faz o possível para que a aprendizagem dos alunos não seja prejudicada pelos fatores descritos.

As atividades lúdicas segundo a professora são motivadoras, elas fazem com que os alunos sejam incentivados a participarem das atividades, de forma que os mesmos fiquem motivados a aprender. A ludicidade é muito importante nas salas de aula e o carisma dos professores também faz com que nossas crianças se aproximem do contexto escolar.

Sabemos das dificuldades que o professor encontra para colocar em prática o que gostaria em sala de aula, mas a realidade é essa e precisamos aprender a trabalhar com as ferramentas que estão disponíveis e usarmos nossa criatividade para contextualizarmos nossas aulas.

Entendo também que não há uma fórmula pronta para a eficácia do processo de aprendizagem, cabe ao professor mesmo com dificuldades desenvolver atividades motivadoras que seja capaz de despertar em nossos alunos o interesse pela escrita e leitura e assim promover uma aprendizagem significativa.

O professor tem como missão fundamental construir um novo conceito de metodologia de ensino, nós precisamos compreender que nossas ações pedagógicas são capazes de transformar nossas crianças em seres pensantes e capazes de viverem de maneira crítica e reflexiva.

Para tanto, a escola é o lugar de apropriação de conhecimento, por isso ela não pode deixar de fomentar nos alunos o processo de aprendizagem, portanto cabe a ela possibilitar recursos metodológicos que venham despertar a curiosidade e a capacidade de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade lúdica constitui uma estratégia importantíssima como ferramenta facilitadora para o desenvolvimento da criança no processo de alfabetização, as atividades a partir de brincadeiras e jogos desempenham um papel fundamental na aprendizagem, por isso elas devem estar presentes no contexto escolar de nossas crianças.

Os jogos e brincadeiras sempre existiram na vida de nossas crianças, mas com o passar do tempo foram ficando esquecidos principalmente influenciados pelas tecnologias, bem como por uma série de atividades que muitos pais disponibilizam para as crianças que fazem com que elas acabem não tendo mais disponibilidade para brincar deixando de haver uma interação social entre as crianças.

Neste sentido cabe à escola inserir em sua prática pedagógica o lúdico proporcionando a seus alunos socialização, interação e desenvolvimento e é importante explicitar o quanto a ludicidade oferece a aprendizagem seja ela no aspecto físico, motor, social ou cognitivo. Portanto o lúdico deve estar contido nas vivências de nossos educadores tornando a sala de aula um lugar atraente e agradável para nossos alunos.

Os professores devem ser os mediadores desse processo, devem oportunizar a aprendizagem de acordo com seu nível escolar, cada professor deve dar sequência nas atividades de maneira lúdica, pois sabemos que a aprendizagem é um processo constante e continuado, deve ser em um ambiente de interações sociais e de múltiplas aprendizagens. Mas vale ressaltar que o professor deve desenvolver as atividades lúdicas com objetivo pedagógico e não como forma de passar o tempo ou até mesmo com o sentido de apenas brincar, ela deve ser uma possibilidade de ensino.

Confirma-se dessa, a concepção de aprendizagem significativa, prazerosa, por isso se chama a atenção de nossos professores para a utilização das atividades lúdicas a fim de que o processo de aprendizagem se torne cada vez mais lúdico e o ensino cada vez menos tradicional. Nesse sentido acreditamos que este estudo proporciona o debate e a reflexão dos mediadores do conhecimento, permitindo

repensar o processo de ensino aprendizagem em nossas escolas, procurando construir um contexto educativo que seja qualitativo, participativo, dialógico e interativo, pois sempre é tempo de aprender, ensinando com alegria, diálogo, prazer, cooperação e interação em sala de aula alcançando dessa forma uma educação de qualidade.

Portanto, entende-se que as atividades lúdicas no contexto escolar abrem um leque de caminhos formando alunos leitores e autônomos, possibilitando a cada sujeito condições de enfrentar com mais força suas dificuldades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica**: Prazer de estudar técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

ANTUNES, Celso. A teoria das Inteligências Libertadora. Ed. Vozes. Petrópolis RJ, 2000.

BARBATO, Silviane Bonaccorsi. **Integração de criança de 6 anos ao ensino fundamental**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5 Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CUNHA, M.I. de. O bom professor e a sua prática. Campinas: Papyrus, 1994.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 33ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, C.L (org). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEAL, Telma Ferraz; MENDONÇA, Márcia; MORAIS, Artur Gomes de; LIMA, Margareth Brainer de Queiroz. **O lúdico na sala de aula**: projetos e jogos. Fascículo 5. In: BRASIL, Ministério da Educação. Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 2008. p. 1-37.

LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) **Ludopedagogia-Ensaio 1**: Educação e Ludicidade. Salvador: Gepel, 2000.

MACHADO, Nilce. **A educação Física e a recreação para o pré-escolar**. Porto Alegre: Prodil, 1986. MIRANDA, Marília G. de. **Sobre Tempos e espaços da escola**: do princípio do conhecimento ao princípio da sociedade. Educação e sociedade, Campinas, v.26, n.91, p.639-65, maio/ago.2005.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. João Kopke (1852-1926) na história do ensino de leitura e escrita no Brasil. São Paulo: Unesp, v. 3, 2015. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3nj6y/pdf/mortatti-9788568334362-05.pdf>. Acesso em: 05 de fev. 2018.

_____. Secretaria de Educação. **Diretoria de apoio à gestão educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: formação do professor alfabetizador: caderno de apresentação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à gestão Educacional MEC, SEB, 2012.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo horizonte: Autêntica, 2009.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**: Como eu ensino. São Paulo: Editora melhoramentos, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. SP, Martins Fontes 1987.

_____, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____, L.S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.